

A poética do vivente.
Uma resposta de Goethe à mecanização do mundo.

Profa. Dra. Magali dos Santos Moura
UERJ

Penso que um dos maiores desafios para os pesquisadores e professores de literatura é procurar fazer com que esses livros que há tempos foram escritos não fiquem relegados à memória de um tempo que já foi. Todavia, os tempos estão reunidos dentro de nós e fazem parte daquilo que hoje somos. Portanto, nosso trabalho é trazer à luz uma reminiscência esquecida, a qual ao emergir à tona de nossos pensamentos nos reconectam com um tempo passado, mas que ainda nos tem muito a dizer ao se tornar presente.

Isso é, em primeira instância, o que tento fazer com Goethe. Como que possuída por uma idéia fixa, em vários reflexos desse nosso mundo fragmentado parecem-me ver sempre a sombra, ou goethianamente falando, a luz de pensamentos de Goethe, como por exemplo nesta música de Chico Buarque, presente em seu mais novo CD:

Sempre

Eu te completava sempre
Te mirei de mil mirantes
Mesmo em sonho estive atento
Para poder lembrar-te sempre
Como olhando o firmamento
E as estrelas cintilantes
Que se foram para sempre
No teu corpo em movimento
Os teus lábios em flagrante
O teu riso, o teu silêncio
Serão meus ainda e sempre
Dura a vida alguns instantes
Porém mais do que o bastante
Quando em cada instante é sempre.

(Chico Buarque)

Espero ao final desta apresentação levar vocês a concordarem comigo em afirmar que ainda hoje, Goethe é e não foi um grande poeta-pensador, ao contrário do que pensam muitos pensadores, sobretudo norte-americanos.

Como nosso tempo é curto, apresentarei para vocês de forma sucinta o resultado de minhas pesquisas que propiciaram a conclusão de meu doutoramento e espero em breve poder oferecer à disposição a edição de meu trabalho completo.

Vamos realizar então um pequeno passeio pela gênese da obra de Goethe até o ano de 1790, marco da instituição de sua proposição estética que aproxima arte e natureza de forma visceral.

Para tanto é necessário lançarmos nossos olhos para um tempo, no qual o próprio tempo era percebido de forma bastante diversa da nossa percepção de tempo de hoje. Goethe encontrava-se num momento de virada, no qual o império da velocidade, da superação do tempo natural instituía-se. A partir de 1804, as primeiras locomotivas espalhavam-se pelo mundo e criavam um tempo de locomoção que superava o dos cavalos. Nesse sentido, falo do tempo artificial que suplanta um tempo natural, marcado por fenômenos e ações que surgiam do mundo criado ex-natureza e não ex-engenho do homem, como seria este mundo moderno do qual as metrópoles tornaram-se símbolo. Goethe, como filho legítimo de seu tempo, também inova e propõe um novo tempo para a arte: saindo da dinâmica artificial do jogo entre luz e sombra e das formas voluptuosas do Barroco e do Rococó, ele quer trazer para a arte uma dinâmica que a aproxima do mundo natural, inventando para ela um tempo já prestes a se perder. Esse efeito somente pôde ser alcançado através da concepção de natureza que a considerava não como um produto, a ser rerepresentada ao mundo pela arte. Goethe propõe, ao contrário, uma ligação com a própria estrutura dinâmica da natureza, a qual é responsável pela eterna reestruturação de si mesma. Fala-se aqui de uma concepção de natureza vista não como algo pronto e acabado, mas sim como algo em eterna mutação, em estado de devir. É este princípio da natureza que deve ser transmutado no e constituir-se no próprio princípio da arte. Somente desta maneira, ou seja, pela apreensão e re-apresentação de seus princípios, pode-se conceber uma arte livre e viva.

Aliada a isso, encontra-se a concepção goetheana de que o homem, assim como a natureza, não é apenas presente — ele é também passado e futuro. Quantos órgãos e ossos são vestígios de outros modos de viver e resquícios de outras aparências? Citemos apenas o final de nossa coluna vertebral, o cóccix, com os vestígios de uma cauda que não possuímos mais. O homem com seu

sedentarismo não pode já estar a moldar um outro corpo, mais apropriado ao novo modo de viver? O código genético, por sua vez, também não pode ser interpretado como um memorial, como um registro do que já se foi e se perpetua em nós e que continuamente persistirá nos que nos sucederem?

A arte, enquanto legítima filha do homem, assim como a ciência, também acompanha o homem em suas transformações. O modo de o homem ver a si mesmo, de ver o mundo e, por conseguinte, de interagir consigo mesmo e com a realidade exterior refletem isso.

Como disse anteriormente, é necessário fazermos uma pequena viagem no tempo e tentarmos imaginar as condições presentes na época de Goethe, dessa forma tentaremos tornar o passado presente.

Goethe nasce no ano de 1749. O que era a ciência e a arte de então? Vamos começar pela ciência. Estava-se à beira do limiar de uma visão de mundo que considerava a existência de uma unidade entre homem e cosmo. Para o sociólogo Max Weber, no século 19 foi efetuada uma “*Entzauberung der Welt*” (um desencantamento do mundo)¹. Nosso mundo é, portanto, o mundo do desencanto absoluto e também aquele do império da compartimentação e da fragmentação como algo natural e habitual. Natural é estar isolado, apartado da natureza, imerso em sua tribo e reivindicando para ela um caráter absoluto, expulsando de si o que lhe é estrangeiro.

Pode-se constatar que a passagem do século 18 para o 19 é o momento do estabelecimento de várias especialidades científicas. É o nascedouro da botânica, da zoologia, da fisiologia, anatomia, morfologia, do que hoje chamamos de “medicina alternativa”, ou seja, da homeopatia, assim como o início da própria tecnologia com o desenvolvimento dos diversos motores — a carvão, a eletricidade e finalmente já no final do século 19, dos motores a combustão, quando então temos os automóveis, aviões. O homem enfim conquistara definitivamente a terra, a água e o ar, mas ainda estava longe de conquistar a si mesmo.

Esse desenvolvimento científico baseava-se numa visão de mundo que se afastava cada vez mais dos princípios teológicos e se apoiava numa explicação mecânica do mundo. O físico inglês Isaac Newton (1642-1717), entre seus 23 e

¹ Weber, Max. *Rationalisierung, Fortschritt und Entzauberung der Welt*. Disponível em <<<http://www.textlog.de/2324.html?print>>>; acesso em 15/11/06.

24 anos, fez pesquisas sobre a constituição da luz, inventou o cálculo, formulou o conceito de gravitação, assim como formulou as três leis do movimento, a chamada então “filosofia natural” procurava entender a natureza através de mecanismos numa linguagem matemática como pronunciada dois mil anos antes por Pitágoras. Dessa forma, o mundo poderia ser explicado, ou melhor, ser reescrito através de equações, conforme nos explica Magee, 2001: 68): “os mecanismos do universo físico eram sujeitos a leis, as quais eram discerníveis pelos seres humanos e exprimíveis em equações”.

Essa exatidão possibilitava ao homem PREVER a natureza, antecipar os fenômenos. Qualquer tipo de consciência atávica há não era mais necessária para se entender o mundo. A técnica substituía a magia. O homem não precisa mais estar conectado diretamente a Deus para compreender o mundo. O homem se basta, está livre intelectualmente de Deus. As determinações divinas pertencem exclusivamente ao âmbito da religião e relacionam-se principalmente às questões da ética. Os novos cientistas sentiam-se no controle das determinações do universo e da vida sobre a Terra: “isso deu às pessoas que entenderam a nova ciência uma sensação de controle sem precedentes, o sentimento de que de algum modo elas tinham domado o universo com a sua inteligência” (Magee, 2001: 69).

Os postulados de Newton forneceram a base para a Revolução Industrial, marco do assenhoreamento e dominação do mundo natural pelo homem — o novo senhor do universo no lugar de Deus. Através da ciência o homem poderia cumprir a determinação contida no gênesis:

No princípio Deus criou o céu e a terra. (...) E criou Deus o homem a Sua imagem; criou-o à imagem de Deus, e criou-os varão e fêmea. E Deus os abençoou, e disse: Crescei e multiplicai-vos, e enchei a Terra e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre os pássaros do céu, e sobre todos os animais que se movem sobre a Terra.

(Gênesis, Cap. I, Versículos 27–28 – Bíblia Sagrada)

Iniciava-se, assim, o desenvolvimento científico com vistas ao domínio dos segredos do mundo. Galileu ao direcionar a luneta para o céu e transformá-la em telescópio confirmou através da visão de um novo mundo a teoria heliocêntrica de Copérnico. Iniciava com esse gesto uma revolução que retirava o homem de sua

união absoluta e indissociável com a natureza ao transformá-la em objeto da ciência.

Através do telescópio Galileu confirmou a hipótese copernicana. O que ele perdeu foi o campo de movimento da astronomia vista a olho nu, a relação da Via Láctea com o céu estrelado, e o movimento das jornadas de estrelas através do plano elíptico. E talvez em sua intensa concentração, ele tenha perdido também os sons, perfumes e cheiros da noite e a consciência de si mesmo como um homem que observa um esplêndido e misterioso espetáculo estelar. Galileu já não estava dentro da natureza, mas do lado de fora dela. Ele havia se tornado “observador científico”. A natureza era agora um simples objeto de indagação científica (Oelschlaeger apud Grün 1996, p. 30).

O homem havia separado-se da natureza para poder compreendê-la, entre ele e a natureza havia um intermediário, a técnica. Mas esta natureza só poderia ser vista dessa maneira se ela perdesse a magia, se perdesse aura divinal, se fosse vista apenas como matéria destituída e qualquer atributo espiritual.

Galileu postulou certas restrições aos cientistas. Eles deveriam se restringir ao estudo das propriedades essenciais dos corpos materiais – formas, quantidade e movimento. A consequência disto é a perda da sensibilidade estética, dos valores e da ética. A natureza é desantropomorfizada e um poderoso império intelectual é construído sobre este objeto inerte e passivo. (Grün 1994: 174)

As leis celestes são interpretadas, por isso, como leis puramente matemáticas. Os corpos físicos são separados dos objetos metafísicos e tornam-se as *rex extensa* e a *rex cogitans* cartesianas. Iniciava-se a fragmentação não só do saber humano, como também do modo do homem ver o mundo e a si mesmo.

A divisão entre espírito e matéria levou à concepção de um sistema mecânico que consiste em objetos separados, os quais, por sua vez foram reduzidos a seus componentes, acredita-se, determinam completamente todos os fenômenos naturais. Essa concepção cartesiana da natureza foi, além disso, estendida aos organismos vivos, considerados máquinas constituídas de peças separadas. (...) tal concepção do mundo ainda está na base da maioria de nossas ciências e continua a exercer uma enorme influência em muitos aspectos de nossa vida. Levou à bem conhecida fragmentação em nossas disciplinas acadêmicas e entidades governamentais e serviu como fundamento lógico para o tratamento do meio ambiente natural como se ele fosse formado de peças separadas a serem exploradas por diferentes grupos de interesse. Capra (1990, 37)

Embora esse fosse o ponto de vista que se consolidaria de forma hegemônica no decorrer do século 19, Goethe propõe uma metodologia que, embora consciente da cisão eu-mundo, propõe uma estrutura de pensamento e arte na qual as duas esferas entram em comunicação de modo contínuo.

Desde criança, o espaço da natureza exercia em Goethe uma ação terapêutica. Era lá, em meio às árvores que ele procurava refúgio nos momentos de crise. Era nesse meio que se sentia conectado a um tempo arquetípico, ao tempo cíclico de constante viver e fenecer, de destruição e reconstrução.

Aos 16 anos, Goethe sai de sua cidade natal, Frankfurt, e passa a estudar Direito em Leipzig, cidade conhecida como a “pequena Paris” da Alemanha, devido ao seu cosmopolitismo. Lá conhece várias figuras importantes da literatura, como Gottsched e Gellert. Estuda e lê Lessing com afinco, entabula conversas sobre as novas concepções de arte, especialmente sobre as idéias de Winckelmann com seu professor de desenho Oeser. Toma notícia das mais novas experiências sobre eletricidade, fisiologia, química etc. Tornava-se um cidadão do mundo, Esse processo foi interrompido por uma grave hemorragia que era na verdade, sintoma de uma tuberculose, o que o obrigou a retornar para a cidade natal, onde permaneceria em convalescença durante um ano e meio interno na casa de seus pais.

Através de seu médico Merck e de uma freira, Susanne von Klettenberg, amiga de sua mãe, que lhe fez companhia em várias ocasiões, Goethe começa a se interessar pela alquimia. Chega a montar um laboratório e realizar vários experimentos. Lia também textos da tradição hermética, Paracelso, Giordano Bruno e vários outros pensadores místicos, assim como textos de Platão, Epicuro, e Plotino.

O que mais nos chama a atenção neste período é o fato de ser nessa época que Goethe tornar-se-á consciente da inter-relação entre o micro e macrocosmo. A figura seguinte explicita essa relação ²:

² Fludd, Robert: *Utriusque cosmi maioris scilicet et minoris metaphysica, physica atque technica historia*. Oppenheim 1617 - 1621. Disponível em: <www.ub.uni-frankfurt.de/wertvoll/occulta.html>. Acesso em 3 set. 2005.



Ela está em estreita ligação com os seguintes versos do *Fausto* de Goethe:

Wie alles sich zum Ganzen webt,
Eins in dem andern wirkt und lebt!
Wie Himmelskräfte auf und nieder steigen
Und sich die goldnen Eimer reichen!
Mit segnen duftenden Schwingen
Vom Himmel durch die Erde dringen,
Harmonisch all das All durchklingen!

Como de tudo se tece o Todo,
E agem e vivem os seres no mundo!
E as forças celestes encadeando
Os vasos de ouro, subindo e baixando,
Uma fragrância de asas descia
Uma benção do céu, e já se ouvia
Em todo este Todo uma harmonia!
(Trad. João Barrento)

O mundo apresenta-se nestes versos como uma teia inter-relacional entre as forças celestes e as terrestres em constante troca.

Ao sentir-se recuperado, parte para Strassburg a fim de completar seus estudos. Nesta cidade outros encontros determinarão o desenvolvimento do pensamento goethiano.

A visão da catedral da cidade obra monumental da arquitetura gótica, leva Goethe a enaltecer seu construtor, Erwin von Steinbach (1244-1318), como um grande gênio capaz de apresentar ao mundo uma tal harmonia entre o todo e as mínimas partes. Ambas, a obra do homem e a obra de Deus eram similares, pois se baseavam nos mesmos princípios:



Uma impressão total e grandiosa preenche a minha alma, impressão que eu certamente pude saborear e desfrutar, mas não conhecer e esclarecer, porque consistia em milhares de particularidades harmoniosas entre si. (Goethe, 2005: 40)

... como em obras da eterna natureza, tudo é forma até o mínimo filete e tudo tendo uma finalidade para o todo. (Goethe, 2005: 41)



3

De modo germinal, já se encontrava aí a maior característica que Goethe, ao meu ver, atribuirá tanto à natureza, quanto à arte: ambas são composições estruturadas em partes em harmonia entre si — são, portanto, sistemas.

Goethe apresenta, então, de forma cada vez mais delineada o que denominei em minha tese de doutoramento de “pensamento polarizante” (Moura, 2006), o qual existe tanto no homem quanto na natureza. Exemplos são os ciclos das estações do ano na natureza e os movimentos do coração e de respiração no homem. Existe um mundo humano equivalente ao mundo natural. Se Deus criara esse mundo, existiria a possibilidade de criação de um mundo genuinamente humano através da arte, que é, por sua vez, semelhante ao modo de agir da natureza. Mas para que a arte se realiza segundo essa premissa o

³ Catedral de Strassburg. Cartão de posse de Goethe, disponível em: <<www.martinschlu.de/.../klassik/goethe/bio/02.htm>>; último acesso em 15/11/2006; segunda foto disponível em: << http://www.theofel.de/plog-archives/zu_mir/>>; último acesso em 20/11/2006.

homem deve apartar-se de qualquer tutela que não seja sua autodeterminação, ele precisa tornar-se livre e potente.

Através das conversas com Herder, Goethe desenvolve sua concepção de gênio, de artista genial. Ele precisa achar seu eu enquanto força. Tomemos como exemplo dessa atitude os seguintes versos de uma das primeiras poesias de seu período genial, *Willkommen und Abschied* (Boas-vindas e despedidas):

Es schlug mein Herz, geschwind! [zu Pferde Es war getan fast eh gedacht; Der Abend wiegte schon die Erde, und an den Bergen hing die Nacht: Schon stand im Nebelkleid die Eiche Ein aufgetürmter Riese, da, Wo Finsternis aus dem Gesträuche Mit hundert schwarzen Augen sah.	O coração palpitou-me: - A cavalo, [depressa! Quase antes de pensado, ei-lo já feito. A tardinha embalava já a terra, E a noite reclinava-se nos montes: O roble, já em vestes de nevoeiro, Eis se erguia, gigante como torre, Ali onde as trevas de entre as moitas Olhavam com um cento de olhos [negros.
Der Mond von einem Wolkenhügel Sah kläglich aus dem Duft hervor, Die Winde schwangen leise Flügel, Umsausten schauerlich mein Ohr; Die Nacht schuf tausend Ungeheuer; Doch frisch und fröhlich war mein Mut:	A lua, dum colina de nuvens, Das névoas emergia melancólica; Os ventos agitavam asas brandas, Cercavam-me os ouvidos de terrores; Paria a noite monstros aos milhares, Mas a minh'alma estava alegre e [alerta:
In meinen Adern welches Feuer! In meinem Herzen welche Glut!	Que fogo não ardia em minhas veias! Que ardor em meu coração! (Trad. Paulo Quintela)

Esse sentimento de paixão inflama o peito e lança as luzes em direção ao exterior, assim, a escuridão dissipa-se, desfaz-se a dubiedade e os monstros da noite somem diante da luz potente do eu. À Aufklärung da razão é acrescida uma outra, a do sentimento. A característica peculiar a cada um, seu modo particular de estar no mundo também torna-se um elemento que lança luzes e propicia um outro entendimento do mundo. Ser livre, seu eu, é o lema do gênio. Sob esta perspectiva devemos interpretar a seguinte poesia, *Prometheus*:

Bedecke deinen Himmel, Zeus, Mit Wolkendunst, Und übe, dem Knaben gleich, Der Disteln köpft, An Eichen dich und Bergeshöhn; Mußt mir meine Erde Doch lassen stehn	Encobre o teu céu, ó Zeus, Com vapores de nuvens, E, qual menino que decepa A flor dos cardos, Exercita-te em robles e cristas de montes; Mas a minha terra Hás-de-ma deixar,
---	---

Und meine Hütte, die du nicht,
[gebaut

Und meinen Herd,
Um dessen Glut
Du mich beneidest.
Ich kenne nichts Ärmeres
Unter der Sonn als euch, Götter!
Ihr nähret kümmerlich
Von Opfersteuern
Und Gebetshauch
Eure Majestät
Und darbtet, wären
Nicht Kinder und Bettler
Hoffnungsvolle Toren.
Da ich ein Kind war,
Nicht wußte, wo aus noch ein,
Kehrt ich mein verirrtes Auge
Zur Sonne, als wenn drüber wär
Ein Ohr, zu hören meine Klage,
Ein Herz wie meins,
Sich des Bedrängten zu erbarmen.
Wer half mir
Wider der Titanen Übermut?
Wer rettete vom Tode mich,
Von Sklaverei?
Hast du nicht alles selbst vollendet,
Heilig glühend Herz?
Und glühtest jung und gut,
Betrogen, Rettungsdank
Dem Schlafenden da droben?
Ich dich ehren? Wofür?
Hast du die Schmerzen gelindert
Je des Beladenen?
Hast du die Tränen gestillet
Je des Geängsteten?
Hat nicht mich zum Manne

[geschmiedet

Die allmächtige Zeit
Und das ewige Schicksal,
Meine Herrn und deine?
Wähntest du etwa,
Ich sollte das Leben hassen,
In Wüsten fliehen,
Weil nicht alle Blütenträume
[reiften?

Hier sitz ich, forme Menschen
Nach meinem Bilde,
Ein Geschlecht, das mir gleich sei,
Zu leiden, zu weinen,
Zu genießen und zu freuen sich,
Und dein nicht zu achten,
Wie ich!

E a minha cabana, que não construístes,

E o meu lar,
Cujo braseiro
Me invejas.
Nada mais pobre conheço
Sob o sol do que vós, ó Deuses!
Mesquinhamente nutris
De tributos de sacrifícios
E hálitos de preces
A vossa majestade;
E morreríeis de fome, se não fossem
Crianças e mendigos
Loucos de esperança.
Quando era menino e não sabia
Pra onde havia de virar-me,
Para o sol, como se lá houvesse

Ouvido pra o meu queixume,
Coração como o meu
Que se compadecesse da minha angústia.
Quem me ajudou
Contra a insolência dos Titãs?
Quem me livrou da morte,
Da escravidão?
Pois não foste tu que tudo acabaste,
Meu coração em fogo sagrado?
E jovem e bom — enganado —
Ardias ao Deus que lá no céu dormia
Tuas graças de salvação?!
Eu venerar-te? E por quê?
Suavizaste tu jamais as dores
Do oprimido?
Enxugaste jamais as lágrimas
Do angustiado?
Pois não me forjaram Homem

O Tempo todo-poderoso
E o Destino eterno,
Meus senhores e teus?
Pensavas tu talvez
Que eu havia de odiar a vida
E fugir para os desertos,
Lá porque nem todos os sonhos em flor
[frutificaram?

Pois aqui estou! Formo Homens
À minha imagem,
Uma estirpe que a mim se assemelhe:
Para sofrer, para chorar,
Para gozar e se alegrar,
E pra não te respeitar,
Como eu!
(Trad. Paulo Quintela)

Mas ao lado da revolta há a conciliação, não se pode permanecer apegado exclusivamente à interioridade. Há de se fomentar um trânsito entre o interior e o exterior, quase que num intercurso erótico, conforme Goethe nos apresenta em sua poesia *Ganymed*. A natureza não está somente no homem, ela está também no que lhe é alheio, portanto os movimentos de ir para o interior de si mesmo e o de contrariamente ir para fora de si devem estar em intermitente exercício:

Wie im Morgenroth du rings mich
Anglühst, Frühling Geliebter!
Mit tausendfacher Liebeswonne
Sich an mein Herz drängt
Deiner ewigen Wonne
Heilig Gefühl
Unendliche Schöne!

Como no fulgor da manhã
Me envolves da tua ardência,
Primavera, Amada!
Como com mil delícias de amo
Se estreita ao meu peito
O sentimento sagrado
Do teu calor eterno,
Beleza infinita!

Dass ich dich fassen mögt
In diesen Arm!

Como eu queria prender-te
Nestes braços!

Ach an deinem Busen
Lieg ich, schmachte,
Und deine Blumen dein Gras
Drängen sich an mein Herz
Du kühl[s]t den brennenden
Durst meines Busens
Lieblicher Morgenwind!
Ruft drein die Nachtigall
Liebend nach mir aus dem Nebelthal..

Ai! no teu seio
Repouso, consumo-me,
E as tuas flores, as tuas ervas
Comprimem-se contra o meu coração.
Refrescas a sede
Ardente do meu seio
Doce vento da manhã
E eis também o canto do rouxinol
Que me chama amoroso do vale
[brumoso.

Ich komm! Ich komme!
Wohin! Ach Wohin! Para onde?

Já vou! Já vou!
Aí, para onde?

Hinauf, hinauf strebts

Para o alto ã para o alto que me
[impele

Es schweben die Wolcken!
Abwärts die Wolcken
Neigen sich die sehrenden Liebe.
Mir! Mir! –
In deinem Schoße
Aufwärts!
Umfangend umfangen,
Aufwärts an deinem Busen
Allfreundlicher Vater!

As nuvens pairando!
Abaixam-se, as nuvens
Inclinam-se ao amor saudoso.
Pra mim! Pra mim!
No vosso seio
Para o alto!
Enlaçando, enlaçado!
Para o alto ao teu seio,
Pai que tudo amas!
(Trad. Paulo Quintela)

Os versos “enlaçando, enlaçado” expressam significativamente a atitude de Goethe que almejam o tornar-se senhor de dois mundos: ter consciência de si e

também do exterior. Essa é a proposição que Goethe tentará edificar nos próximos dez anos de sua vida. Como que exaurido pela intensidade desses anos de juventude, parte para Weimar e lança seu clamor por apaziguamento:

Der du von dem Himmel bist,
Alles Leid und Schmerzen stillest,
Den, der doppelt elend ist,
Doppelt mit Erquickung füllest,
Ach, ich bin des Treibens müde!

Was soll all der Schmerz und Lust?

Süßer Friede,
Komm, ach komm in meine Brust!

Tu, que és celestial
E acalma toda dor e todo mal,
E a todo o que tem dobrado sofrimento
Dás dobrado lenimento
A! 'stou tão cansado de andar para
[adiante e pra trás!
Para que tanta dor, tanto prazer
[desfeito?

Doce paz,
Entra, ai! Entra no meu peito!
(Trad. Paulo Quintela)

Durante uma década, Goethe dedicaria-se ao que chamou de “vida ativa”, à interferência ativa no mundo. Assume diversas funções administrativas no ducado, acumulando cerca de dez funções. Além disso interessa-se cada vez mais pela contemplação das formas da natureza, dedica-se ao desenhar e à exploração dos detalhes da natureza que havia ao seu redor. Nesta época inicia sua coleção de espécimes vegetais, minerais e animais. Ocupa-se também com sua catalogação e dando continuidade ao seu interesse morfológico, passa a assistir aulas de anatomia e dissecação de corpos humanos. Seus estudos de osteologia avançam a tal ponto que faz uma grande descoberta: a do osso intermaxilar, cuja presença no homem tornava-o parente dos animais, reintegrando-o ao sistema de desenvolvimento das formas da natureza. A falta desse osso era o que, segundo concepção de então, diferenciava o homem dos animais, pois possibilitava ao ser humano, a comunicação pela fala articulada. Essa descoberta seria reconhecida pelos cientistas da época apenas anos mais tarde. O homem estava então reintegrado ao mundo da natureza e ao da criação.

Preocupado em ver o homem de forma cada vez mais nítida, Goethe dedica-se intensamente ao desenho e funda uma academia de desenho em Weimar, na qual profere algumas palestras sobre anatomia humana. Suas observações botânicas tornam-se cada vez mais apuradas, ao passo que sua produção literária não se desenvolvia de modo a lhe satisfazer. Em virtude disso, do cansaço com a vida dedicada aos trabalhos nas várias comissões e por sua

relação mal resolvida com Charlotte von Stein, Goethe toma a decisão de partir para a Itália e realiza uma viagem de formação, antes dos quarenta anos.

Antes de falarmos sobre a viagem pela Itália, cabe fazer menção ao tipo de pensamento que Goethe levava consigo em relação à natureza. Seu trabalho na administração das minas de Ilmenau levaram-no a freqüentes passeios pelas florestas e à coleta de vários exemplares da flora e dos tipos de pedras da região. Seu olhar antes embevecido e perdido no todo da natureza, dirigia-se com uma exatidão cada vez mais apurada em relação aos elementos singulares da natureza.

Nesta época, haviam tomado extrema importância as idéias do filósofo Espinosa, tema de debates entre muitos pensadores e religiosos da época. O antigo pagão começava a se reabilitado e sua idéia de natureza estava mais próxima daquilo que o próprio Goethe pensava. No lugar de uma natureza em estado de absoluto repouso e ordem, surgia uma idéia de natureza em devir: da *natura naturata* passava-se à *natura naturans*. Exemplo dessa atitude é o texto “*Die Natur*” que o teólogo Tobler escreveu a partir de conversas com Goethe. A natureza não está acabada, ela é um ser em processo de constante construção e destruição, o qual estabelece um ritmo polar. Essa natureza que Galileu havia separado do homem começa a voltar a se unir com o homem através de Espinosa. Por estar em processo ela é o lugar do infinito e como o próprio homem também é um ser infinito, já que havia rompido com os limites teológicos pelo uso ilimitado de sua razão, ele pode reunir-se com algo que lhe é parente em sua essência: o homem pode ser reconduzido à natureza, ser reintegrado no processo e, desse modo, também exteriorizar através de sua arte a próprio essência da natureza. O homem por ser parte integrante da natureza não precisa imitá-la para apresentá-la ao mundo, basta que os princípios que estão nela também estejam presentes em sua arte. Para isso ele precisa entender a natureza fenomenicamente para apresentar ao mundo uma arte natural, que tem de se caracterizar por ser uma arte em devir, em processo e, assim, tornar-se ela também vivente.

Portanto, a arte não necessita falar dos princípios divinos, ela tem de ser vivente. Para isso, Goethe vai até a Itália à procura de um novo modo de fazer arte. Esta busca não estaria voltada para o transcendental, mas sim para a representação do universal em cada particularidade, já que cada elemento

contém em si uma representação microscópica da ordenação macroscópica. O panteísmo espinosista remete Goethe para a observação de cada particularidade no intuito de encontrar a universalidade. Dessa forma, ao passear pelo jardim botânico da cidade de Palermo, Goethe concebe a idéia da planta original, a partir de uma vivência de êxtase, de deslumbramento. No que ele chama de o “mais maravilhoso lugar do mundo”, ele vê a natureza não de forma conceitual, mas imagética: “não se via mais natureza, só imagens”.

As muitas plantas que eu, em geral, só estava acostumado a ver em cubas e vasos, por trás de vidraças a maior parte do ano, encontram-se aqui felizes e viçosas ao ar livre e, cumprindo seu destino em sua plenitude, fazem-se mais compreensíveis a nós. À visão de tantas formas novas e renovadas, voltou-me à mente a velha fantasia de poder, talvez, descobrir aqui, em meio a toda essa variedade, a planta primordial. Afinal, tem de haver uma tal planta! Do contrário, como poderia eu reconhecer que esta ou aquela forma constitui uma planta, se não obedecessem todas elas a um mesmo modelo? (Goethe. Viagem à Itália, p. 314)

Este é um ponto de virada na vida de Goethe, de união entre o ideal e o real, como podemos encontrar exposto nesta carta a Herder:

.Ademais tenho de confidenciar-te que me encontro bastante próximo de solucionar o mistério da geração e organização das plantas, e que ele é o mais simples que se pode conceber. (...) A planta primordial será a criatura mais estranha do mundo, pela qual a própria natureza me invejará. Munido desse modelo e da chave para ele, poder-se-á inventar uma infinidade de plantas, as quais haverão de ser coerentes — isto é, plantas que, ainda que não existam de fato, poderiam existir, em vez de constituírem-se das luzes e das sombras da pintura ou da poesia: plantas dotadas de uma verdade e necessidade intrínsecas. A mesma lei deixar-se-á aplicar, então, a tudo quanto vive. (Goethe. Viagem à Itália, p.380)

Essa concepção de Goethe, formulada através de suas observações de elementos singulares leva-o à formulação de uma obra puramente humana e que só existe a partir da união entre conceito e objeto efetuada pelo observador — disto a natureza não é capaz; a consciência é uma capacidade puramente humana. A ciência torna-se para Goethe intrinsecamente associada à arte.

Em seu texto reflexivo sobre suas observações botânicas, *Metamorfose da plantas* (1790), Goethe apresenta o princípio de desenvolvimento da planta através do ritmo de expansão e concentração, os quais culminam na formação de

um novo órgão. No texto que condensa suas reflexões estéticas, fruto de sua viagem, “*Simples imitação da natureza, maneira e estilo*” (1790), Goethe idealiza uma arte que se irmana com os princípios apreendidos por ele junto às plantas. No final de seu ensaio nos diz Goethe:

(...) o estilo repousa sobre a fundação mais profunda do conhecimento, sobre a essência das coisas, na medida em que nos é permitido conhecer a essência em formas visíveis e apreensíveis.

A arte então deve caracterizar-se pela apresentação da essência pela forma — forma e conteúdo são interdependentes. A única maneira pela qual a elaboração de tal arte se faz possível é a necessidade de se estar consciente no mundo, ter a todo instante a consciência da mudança contínua, ou seja, fazermos o exercício de procurar a vida no ritmo do mundo, integrar suas partes. Dessa forma, Goethe formula uma alternativa que devolve à natureza uma vivacidade que foi esquecida. Este ponto de vista perdurará até o final de sua vida.

Pretendo terminar esta apresentação com a poesia *Testamento, Vermächtnis*, escrita em 1831, pouco tempo antes de sua morte em março de 1832:

Kein Wesen kann zu nichts zerfallen!	Ser algum pode em nada desfazer-se!
Das Ewige regt sich fort in allen,	Em todos eles se agita sempre o Eterno.
Am Sein erhalte dich beglückt!	Confia, alegre e feliz, sempre no Ser!
Das Sein ist ewig: denn Gesetze	Que o Ser é eterno: — existem leis
Bewahren die lebendigen Schätze,	Pra conservar vivos os tesouros
Aus welchen sich das All geschmückt.	Dos quais o Universo se adornou
Das Wahre war schon längst gefunden,	O verdadeiro doi há muito achado,
Hat edle Geisterschaft verbunden;	Uniu em aliança nobres'espíritos
Das alte Wahre, faß es an!	O velho Verdadeiro — a ele te agarra!
Verdank es, Erdensohn, dem Weisen,	Por ele sê grato, filho da Terra, ao Sábio
Der ihr, die Sonne zu umkreisen,	Que em torno do Sol o caminho mostrou
Und dem Geschwister wies die Bahn,	A ela e aos outros irmãos.
Sofort nun wende dich nach innen:	A seguir volta os olhos para dentro,
Das Zentrum findest du da drinnen,	É lá que o centro encontrarás
Woran kein Edler zweifeln mag.	De que nobre algum poderá duvidar.

Wirst keine Regel da vermissen:
Denn das selbständige Gewissen
Ist Sonne deinem Sittentag.

Den Sinnen hast du dann zu trauen,
Kein Falsches lassen sie dich schauen,
Wenn dein Verstand dich wach erhält.
Mit frischem Blick bemerke freudig
Und wandle sicher wie geschmeidig,
Durch Auen reichbegabter Welt.

Genieße mäßig Füll und Segen;
Vernunft sei überall zugegen,
Wo Leben sich des Lebens freut.
Dann ist Vergangenheit beständig,
Das Künftige voraus lebendige
Der Augenblick ist Ewigkeit.

Und war es endlich dir gelungen,
Und bist du vom Gefühl durchdrungen:
Was fruchtbar ist, allein ist wahr –
Du prüfst das allgemeine Walten,
Es wird nach seiner Weise schalten,
Geselle dich zur kleinsten Schar.

Und wie von alters her, im stillen,
Ein Liebewerk nach eigenem Willen
Der Philosoph, der Dichter schuf,
So wirst du schönste Gunst erzielen:
Denn edlen Seelen vorzufühlen
Ist wünschenswertester Beruf.

Nenhuma regra ali te falhará;
Pois a consciência independente
É o sol do teu dia moral.

Nos sentidos tens depois de confiar;
Nada de falso eles te fazem ver
Se a tua razão te conservar desperto.
Com vivo olhar observa alegremente,
E percorre, a passo firme e dúctil,
Os espaços de um mundo repleto de
[riquezas.

Mod'rado goza abundância e bençãos
Seja a Razão presente em toda a parte
Onde a Vida se alegra de ser Vida
Então é o passado duradouro,
O futuro antecipadamente vivo,
E o momento presente é Eternidade.

E se enfim assim o conseguires
E estiveres repassado do sentir: —
Só o que é fecundo é que é verdade —,
Vês e pesas então o agir da turba,
Terá ela de andar à sua moda,
Tu, vai juntar-te ao mais pequeno número,

E como desde sempre em seu secreto,
O Filósofo criou e o Poeta
Obra de amor que eles elegeram
Assim alcanças tu o bem supremo:
Pois pressentir as Almas nobres
É o mais desejável dos ofícios.